

Movimentos de uma leitora: da sala de aula ao ensaio literário¹

Analice Pereira ²

Em 2011, Moema Selma D'Andrea publicou um livro de ensaios críticos, intitulado *A terceira margem* (Editora Ideia, João Pessoa). O título, como declara a apresentação assinada pela autora, é um “tributo e reverência ao belo conto de Guimarães Rosa” e, além disso, possibilita uma leitura sobre o método pelo qual ela realiza suas análises literárias, e que tem, nas figuras de Antonio Candido e Roberto Schwarz, nomes de imensurável importância no âmbito da história da crítica literária brasileira. Essa observância se dá, por exemplo, pela recorrência das referências a ambos em, praticamente, todos os dezesseis ensaios, indicando o percurso teórico-crítico-metodológico a que a autora se vincula e, conseqüentemente, no seu movimento de leitora crítica de literatura.

Moema Selma D'Andrea desenvolveu seus estudos de maior fôlego na UNICAMP, onde fez seu mestrado e doutorado, sob a orientação de Alexandre Eulálio e Roberto Schwarz, respectivamente. Mas foi no curso de Letras da UFPB que ela construiu sua história de professora, dando prosseguimento às suas pesquisas, das quais resultaram os textos reunidos no livro ora comentado. Foi, também, junto com outros professores, idealizadora e fundadora da Revista Graphos, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, que hoje constitui publicação de excelência, conforme avaliação da Capes. Ao apresentar o número um da revista, em 1995, Moema já sinalizava seu compromisso com a educação, quando afirmou que tal iniciativa pode estimular “o debate nas produções das áreas humanísticas, contribuindo para o efetivo papel da Universidade no âmbito do Ensino e da Pesquisa, cuja participação é insistentemente cobrada, ignorando-se, por outro lado, a situação de quase penúria pela qual passam nossas Instituições de Ensino Superior, cujo perfil se reduz impositivamente, ao de professor ministrador de currículos”. Quase trinta anos se passaram, muita coisa mudou para melhor, diga-se de passagem, abriu-se mais espaço para pesquisa, inclusive com incentivo de órgãos de fomento, porém atitudes impositivas sobre o professor universitário ainda se mantêm, mesmo que de outra natureza. Mas essa é outra discussão. Voltemos a Moema Selma D'Andrea

Suas aulas e publicações (artigos, livros, resenhas, etc.) representam pilares que sustentam a minha formação e de outros estudantes de Letras da UFPB, de minha e de gerações anteriores e posteriores. E isso tem a ver com uma questão de método, em duas de suas instâncias: método de ensino e método de análise do texto literário. Sobre a primeira instância, recordo-me de atitudes que dialogam com a pedagogia freireana no que se refere, por exemplo, à valorização dos conhecimentos prévios e de mundos compartilhados em sala de aula e não apenas dos conhecimentos teóricos e puramente acadêmicos adquiridos no ambiente universitário. Moema sabia valorizar os *insights* intuitivos dos seus alunos e alunas, bem como as impressões compartilhadas, a partir dos quais encaminhava os debates e aprofundava as discussões. Quanto à segunda, traduzo-a por lentes bastante ampliadas, pelas quais a ensaísta fazia o movimento de ler o texto literário numa relação dialética com o contexto. Para tanto, amparava-se num amplo repertório de conhecimentos sobre a sociedade e seus condicionamentos, em vários âmbitos: político, cultural, econômico, antropológico.

O seu olhar ampliado, conforme ela apresentava em sala de aula, auxiliava na compreensão de que o texto literário é forma e conteúdo, lidos por uma perspectiva que, ao esmiuçar elementos da vida humana nele representados, incorria, naturalmente, numa discussão sobre literatura pela vida e sobre a vida pela

¹ Título inspirado em “Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido”, de Davi Arrigucci Jr., publicado no livro *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo: Companhia das Letras e Instituto Moreira Sales, 1992.

² maria.analice@ifpb.edu.br – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

literatura. De que maneira? A partir de um método pelo qual se observa a relação dialética da forma literária e do processo social e que, nos termos de Schwarz, “trata-se de uma palavra de ordem fácil de lançar e difícil de cumprir”³. A síntese dessa dialética estaria no que Candido chama de “formalização estética de circunstâncias sociais”, “redução estrutural do dado externo”, “função da realidade histórica na constituição da estrutura de uma obra”⁴. Daí compreender que o título do livro de ensaios de Moema D’Andrea, além da reverência a Guimarães Rosa, representa, também, um entendimento do método de análise-crítica como algo que conflui para uma observação de elementos, instituídos a priori como contrários, mas analisados na sua relação mútua, intrínseca, e não como dualismos. Assim, podemos entrever que, em suas leituras de textos literários, há uma compreensão de “duas margens lógicas” (o texto e o contexto), por meio de “uma outra que é fabricada por palavras” (a linguagem) (D’Andrea, p. 112). A terceira margem pode ser interpretada, portanto, como a síntese, que é a própria atividade de linguagem. É a partir dessa orientação metodológica que Moema analisa obras de Ronaldo Correia de Brito, José Lins do Rego, Machado de Assis, Dalton Trevisan, Mário de Andrade, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo, Jô Soares, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz.

Além de análises literárias, o livro de Moema reúne reflexões teórico-críticas sobre conceitos e categorias, à luz de aportes teóricos que constituem a espinha dorsal da sua ensaística, representada por uma tradição filosófica que vai de Aristóteles e Platão aos frankfurtianos, incluindo conhecimentos antropológicos, sociológicos, historiográficos e críticos, brasileiros e estrangeiros. Em “A lírica, a modernidade e a modernização”, por exemplo, a autora se vale das discussões de Walter Benjamin, Charles Baudelaire, Alfredo Bosi, Hugo Friedrich, Octavio Paz, para analisar o famoso poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, com destaque à representação de uma “despersonalização” que insere o poeta naquilo que Benjamin define como a posição de intelectuais modernos como “uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século” (Benjamin *apud* D’Andrea, p. 178). Em “O contexto social como uma conquista da forma literária”, ela discute mais diretamente o que propõe Candido em seu método, no sentido de levantar questões sobre alguns conceitos como identidade nacional, antropofagia oswaldiana, num movimento de “superação do problema da cópia e da originalidade através da análise detalhada da organização da obra em que o *contexto se materializa em forma*” (D’Andrea, p. 199, grifos da autora). Aqui, especificamente, podemos desfrutar de uma belíssima aula sobre como se faz “crítica materialista do texto literário”, com ênfase ao necessário estado de alerta permanente do crítico para os riscos desse tipo de análise, traduzidos, resumidamente, como a “falta de mediação estética entre o texto e o contexto”. Lembremos de que, sem essa mediação, a crítica literária não supera o sociologismo crítico, conforme aponta Antonio Candido, num de seus livros mais importantes: *Literatura e sociedade*⁵. Nas palavras do autor, quando “a interpretação estética [...] assimila a dimensão social como fator de arte [...] o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica” (p. 7). Em “Comentários sobre o texto de Walter Benjamin: o Narrador”, Moema discorre sobre um ponto bastante discutido do pensamento do autor, porém inesgotável: a morte da narrativa. E traduz esse pensamento em palavras que auxiliam no entendimento de que “o ponto de vista benjaminiano não defende uma visão retrospectiva e nostálgica da história; ao contrário, discute relações que motivaram a ‘morte’ da narrativa tradicional e o surgimento de uma nova forma de narrar, motivada e solicitada pela construção histórica de uma nova sociedade: a burguesa, com suas consequências e implicações” (D’Andrea, p. 211). Ao ler esse último ensaio, reencontro a professora em seu pleno exercício pedagógico, vivenciado na sala de aula com seus alunos e alunas de graduação, para os quais propiciava espaços de debates teóricos aprofundados e bastante desafiadores, pois, apesar da nossa condição de recém ingressados no curso de Letras e, por isso, bastante verdinhos, não éramos, aos olhos e ouvidos de Moema, “tábulas rasas”.

3 SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 129.

4 Idem, p. 142.

5 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

Foi na qualidade de aluna de graduação que eu a conheci. Era 1993. Daí passamos aos papéis de orientanda e orientadora de PIBIC e, na sequência, ficamos amigas. Desfrutar da sua amizade foi algo muito especial, imenso mesmo, tanto pelo que havia de admiração e respeito, mas também pelo afeto que nutríamos reciprocamente. Em nossas conversas “intermináveis” (para lembrar de Blimunda, personagem de Saramago, romancista que adorávamos comentar), nossas vidas e a literatura se misturavam, confundiam-se, entrelaçavam-se, intercambiavam-se. Sempre com alguma referência, além de literária, musical ou cinematográfica, outras praias do deleite e da fascinação da professora e pesquisadora. Conversar com essa mulher significava, sobremaneira, aprender num sentido muito amplo da palavra. Aprender e conhecer sobre a vida, especificamente de mulher, e sobre a atividade acadêmica. Foi ela quem nos apresentou, em sala de aula, os romances *Estorvo* e *Benjamim*, de Chico Buarque, por exemplo. A forma como os abordou foi tão interessante e desafiadora que me instigou para o exercício da atividade acadêmica na área de literatura. Foi ela quem me apresentou, na sala de minha casa, o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, incluído, também, em meus projetos acadêmicos. E tantas outras obras e escritores brasileiros contemporâneos, pois era da sua predileção leitora acompanhar as novidades literárias, porém sem tirar os olhos da tradição. Vivia atenta com tudo que dissesse respeito à produção cultural e artística do seu tempo e coordenava, junto com a professora Sônia Ramalho, um grupo de pesquisa intitulado “Literatura e Memória Cultural: Tradição e Modernidade”, que acolhia projetos de pesquisa sobre obras das mais diversas épocas. Sempre muito bem informada, lia diariamente os principais jornais do país, quando o impresso ainda não havia sido substituído pelo formato digital. Com a comunicação instantânea da internet, passou a acompanhar tudo pelas telas. Seu posicionamento político condizia coerentemente com o que estudava, com o que apontavam seus mestres, com o que explanava em suas aulas e seus textos. Consigo até imaginar qual seria o seu entendimento sobre o contexto político e social do Brasil dos últimos anos, bem como a sua alegria pela vitória comemorada país afora neste início de dois mil e vinte e três. Provavelmente, teria ânimo para ir a Olinda durante o carnaval para curtir a festa que mais apreciava e celebrar os novos tempos que se anunciam.

Moema faleceu em novembro de 2015, depois de enfrentar uma enfermidade que a impediu, por um longo tempo, de ir em frente com seus projetos. Por isso, não pôde ver seu livro lançado, alcançando voos e alcançando mais e mais leitores. Um livro que reúne reflexões tão importantes, realizadas com tanta ética, inteligência, argúcia, lucidez e a seriedade que a acompanhavam por toda a vida, como valores dos quais não abria mão. Esses ensaios já haviam sido publicados na Graphos e no Correio das Artes, mas ela tinha muita vontade de reuni-los em livro. Assim o fez em vida e aqui o trazemos à tona, como uma forma de reconhecimento e homenagem.

Moema foi (e é) uma intelectual paraibana importantíssima para os estudos da literatura brasileira. Nós, alunos seus e alunas suas, tivemos o prazer e a alegria de sermos sujeitos participantes de suas reflexões e, portanto, de testemunhar o desenvolvimento de suas ideias no calor das discussões durante as aulas de Teoria da Literatura e de Literatura Brasileira no curso de Letras da UFPB, conforme ela mesma expressa na apresentação do livro, numa dedicatória bastante afetuosa: “E, por último, last but not least, dedico esse livro aos meus alunos, que comigo vivenciaram a magia literária desses textos traduzidos em recordações”.

Interpretava tão bem as orientações de seus mestres, que sigo acompanhando-a. Dentre essas orientações, está a de nos mantermos, durante a atividade de leitura crítica, em estado de alerta para a difícil arte de mediar, pelos elementos estéticos (aqui compreendidos como a terceira margem), as duas “margens” que compõem o texto literário – a forma e o conteúdo. Chave para análise-interpretação do texto literário, esse método, certamente, auxilia no entendimento da força que tem a literatura na sua “função humanizadora” (seguindo as reflexões de Candido), pela capacidade de adentrar nas complexidades humanas e, portanto, de representá-las esteticamente.

O nome Moema, de origem indígena tupi, seria uma homenagem ao poema “Caramuru”, de Santa Rita Durão (?). Lembro dela falando que gostava do nome, especialmente da sonoridade e da brasilidade que evoca, porém fazia muita graça ao relacioná-lo à personagem setecentista que morre nadando atrás de um navio na tentativa de alcançar o seu amado. Empoderada que foi, Moema praticava bem o exercício de ser contemporânea de si mesma, na vida pessoal e acadêmica. Em seus mais diversos papéis sociais, incluindo os de professora, pesquisadora e ensaísta, ela viveu as lutas e as conquistas de seu tempo, na condição de mulher de uma sociedade marcada pelo tão nocivo e violento machismo, contra o qual sempre se posicionou, em sala de aula e fora dela. Nisso, também, ela foi (e é) uma imensa referência.